



# ÓCIOS E RESISTÊNCIAS

CRESCER E ENVELHECER EM CONTEXTOS CULTURAIS DIVERSOS

XII ENCONTRO INTERNACIONAL OTIUM | VI CONGRESSO INTERNACIONAL EM ESTUDOS CULTURAIS

Maria Manuel Baptista, Maria Joana Alves Pereira e Alexandre Rodolfo Alves de Almeida (Coord.)



## FICHA TÉCNICA

### Título

Ócios e Resistências: Crescer e Envelhecer em Contextos Culturais Diversos

### Coordenação

Maria Manuel Baptista  
Mária Joana Alves Pereira  
Alexandre Rodolfo Alves de Almeida

### Assistência de Edição

Fernanda de Castro  
Geanine Vargas Escobar  
Francisco Wellington Barbosa Júnior

### Capa

Alexandre Almeida

### Edição, paginação e design gráfico

Grácio Editor

1ª edição:

ISBN: 978-989-54215-9-6

© Grácio Editor

Travessa da Vila União, 16, 7.º drt 3030-217 COIMBRA

Telef.: 239 084 370

e-mail: editor@ruigracio.com

sítio: www.ruigracio.com

A redação e revisão dos textos são de responsabilidade de seus autores.

Reservados todos os direitos

### Presidente do Congresso

Manuel Cuenca Cabeza

### Comissão Científica

Ana Cláudia Couto, Universidade Federal de Minas Gerais  
Andres Ried, Pontificia Universidad Católica de Chile  
Cathia Alves, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Chalini Torquato G Barros, Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Cláudio Augusto Silva Gutierrez, Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
Denise Falcão, Universidade Federal de Minas Gerais  
Dilma Brasileiro, Universidade Federal da Paraíba  
Elena Paz Morales, Universidad YMCA  
Fernanda de Alencar Machado Albuquerque, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Fernando Chaves, Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
Fernando Manuel Rocha da Cruz, Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Gustavo Martínez, Universidad Católica del Uruguay  
Hélder Ferreira Isayama, Universidade Federal de Minas Gerais  
Ieda Rhoden, Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
Jacinta Bola, Universidade Federal do Piauí  
Jenny Sousa, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais  
José Clerton de Oliveira Martins, Universidade de Fortaleza  
Larissa Latif Plácido Saré, Universidade Federal do Pará  
Liana Abrão Romera, Universidade Federal do Espírito Santo  
Livio dos Santos Wogel, Instituto Federal de Mato Grosso  
Luis Alberto Machado Comba, Universidad Católica del Uruguay  
Luís Paulo de Carvalho Piassi, Universidade de São Paulo  
Lupe Aguilar Cortez, Universidad Del Fútbol y Ciencias Del Deporte  
Marcos Gonçalves Maciel, Universidade do Estado de Minas Gerais  
María Del Mar López Talavera, Universidad Complutense de Madrid  
Maria Eugénia Tavares Pereira, Universidade de Aveiro  
María Jesús Monteagudo Sánchez, Universidad de Deusto  
Maria Manuel Baptista, Universidade de Aveiro  
Mirleide Chaar Bahia, Universidade Federal do Pará  
Ricardo Lema, Universidad Católica del Uruguay  
Rosely Cubo, Universidade de Aveiro  
Shaiane Vargas da Silveira, Universidade Federal do Piauí  
Silvio José de Lima Figueiredo, Universidade Federal do Pará

---

Este livro recolhe parte das comunicações apresentadas ao XII Encontro Internacional OTIUM – Associação Ibero-americana de Estudos de Ócio e VI Congresso Internacional em Estudos Culturais, realizado nos dias 28, 29 e 30 de novembro de 2018, na Universidade de Aveiro – Portugal.

Maria Manuel Baptista,  
Maria Joana Alves Pereira,  
e Alexandre Rodolfo Alves de Almeida (Coord.)



## ÓCIOS E RESISTÊNCIAS

CRESCE E ENVELHECER EM CONTEXTOS CULTURAIS DIVERSOS

XII ENCONTRO INTERNACIONAL OTIUM | VI CONGRESSO INTERNACIONAL EM ESTUDOS CULTURAIS

ENTIDADES  
ORGANIZADORAS



cllc

universidade de aveiro  
centro de Estudos, Literatura e Cultura

FCT

Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



ESTUDOS  
CULTURAIS

Programa Doutoral em Estudos Culturais

G  
Grácio  
EDITOR

# ONDE FICA O ÓCIO NA FORMAÇÃO SUPERIOR? UM ESTUDO EXPLORATÓRIO COM ESTUDANTES DE UM INSTITUTO POLITÉCNICO<sup>1</sup>

Jenny Gil Sousa<sup>2</sup>

| 213

## RESUMO

É cada vez maior a importância atribuída à formação superior, enquanto pedra angular no desenvolvimento das comunidades e das pessoas. Na verdade, não é possível pensar a sociedade atual sem ter em conta o Ensino Superior, que se constitui num campo tão complexo quanto fundamental da vida e, até, da evolução da sociedade. Se por um lado, é preocupação central das instituições de ensino superior preparar diplomados capazes para a profissão e para o mercado, com um conhecimento científico de excelência, a verdade é que o próprio discurso do mercado de trabalho já reclama profissionais com outro tipo de aptidões, isto é, com competências de cariz mais transversal.

Com efeito, numa sociedade volátil e frenética, onde a imprevisibilidade e a incerteza são elementos caracterizadores do mercado de trabalho, os profissionais de hoje têm de estar apetrechados de um conjunto de competências que vão muito para além de uma racionalidade meramente técnica. Aos diplomados é exigido flexibilidade, criatividade e, acima de tudo, confiança interpessoal e compromisso cívico. Assim, cabe ao Ensino Superior ser um contexto privilegiado de desenvolvimento e aquisição de competências profissionais, mas, também, pessoais e sociais.

Durante o período em que o estudante se encontra a frequentar um curso superior, este está a adquirir conhecimentos no âmbito de uma profissão – a construir a sua identidade enquanto futuro profissional – mas está, também, a construir-se enquanto pessoa e cidadão. Assim, o Ensino Superior, ao mesmo tempo que se assume enquanto contexto privilegiado de formação socioprofissional, demarca-se por ser, igualmente, um espaço/tempo de desenvolvimento pessoal.

Nesta linha de pensamento, são várias as indagações que emergem: Que significados atribuem os estudantes às distintas vivências do tempo e às experiências de ócio, enquanto espaços de desenvolvimento pessoal e socioprofissional? Que influência terá o ócio na construção da identidade profissional e pessoal dos estudantes do ensino superior? As instituições de ensino superior podem ser locais de vivência do ócio?

Neste sentido, pretendeu-se, com o presente estudo, conhecer as representações de estudantes do 2º ano das licenciaturas de Educação Social e de Serviço Social, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria, relativamente ao seu tempo de ócio, e de que forma é que este se pode constituir em práticas de resistência. A presente investigação, de caráter exploratório, é realizada a partir do marco teórico dos estudos culturais, e enquadra-se no paradigma geral da investigação qualitativa, de contornos etnográficos. Como instrumentos de recolha de dados, foram utilizadas as técnicas clássicas de análise documental e a observação direta, contudo, foram os *focus group* que constituíram o método principal de recolha de dados e de produção de informação.

Os resultados apurados permitem perceber que os estudantes do ensino superior se encontram numa fase muito vincada de construção da identidade, quer profissional, quer pessoal. O tempo de ócio foi valorizado pelos sujeitos do estudo, enquanto tempo próprio e subjetivo, mas que necessita de ser vivenciado junto com outras pessoas, numa perspetiva de desenvolvimento da sociabilidade. Embora sintam que o sistema educativo não valoriza a vivência do ócio, reconhecem que este é extremamente importante enquanto recurso pessoal, numa ótica de autodescoberta e de construção da sua própria formação enquanto profissionais, com uma ampla influência na construção da sua identidade socio-profissional.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado durante o XII Encontro Internacional OTIUM e VI Congresso Internacional em Estudos Culturais - Ócios e Resistências: Crescer e Envelhecer em Contextos Culturais Diversos.

<sup>2</sup> ESECS/Politécnico de Leiria, CICS.NOVA.IPLeia, CLLC Universidade Aveiro. E-mail: jenny.sousa@ipleiria.pt.

**PALAVRAS-CHAVE**

Ócio; Estudantes do Ensino Superior; Identidade Pessoal e Socioprofissional

**Introdução**

214 | As sociedades contemporâneas, com os seus ritmos frenéticos e até vertiginosos, plas-  
mam-se em mercados de trabalho que exigem profissionais cada vez mais flexíveis e com  
uma maior capacidade de adaptação às circunstâncias do momento. A formação destes pro-  
fissionais, muito confinada às instituições de ensino superior, implica que seja tido em conta,  
não só a racionalidade técnica, mas também um conjunto de outras competências que se  
espelhem na confiança interpessoal e no compromisso cívico.

O ensino superior em Portugal decompõe-se em dois sistemas diferentes: o ensino uni-  
versitário e o ensino politécnico e, como se pode ler no *site* da Direção-Geral do Ensino Su-  
perior (DGES) (<http://www.dges.gov.pt>), conta com uma estrutura de 4 ciclos: um ciclo de  
estudos de curta duração, que não confere grau académico e três ciclos de estudos condu-  
centes aos graus académicos de licenciado, mestre e doutor. Neste trabalho interessa-nos,  
particularmente, o ensino politécnico por ter sido este o contexto empírico da investigação  
e os sujeitos participantes da pesquisa serem estudantes de uma Escola Superior, integrada  
num Instituto Politécnico.

Quando analisamos as práticas de uma instituição desta natureza, e cruzamos com as  
exigências impostas pelo mercado de trabalho contemporâneo, percebemos que o ócio, en-  
quanto prática de desenvolvimento, crescimento e resistência, é fundamental. As preocu-  
pações dos institutos politécnicos, que se centram, ainda segundo a DGES, num ensino  
orientado para a investigação aplicada e criação do saber de natureza profissional, têm o de-  
safio de promover a formação integral dos seus estudantes, onde o ócio pode ser entendido  
como uma experiência privilegiada de construção da identidade, de aprendizagem e de de-  
senvolvimento humano (Baptista & Sousa, 2013).

Partindo destes pressupostos, esta investigação estrutura-se em duas partes fundamen-  
tais: num primeiro momento, far-se-á um enquadramento teórico relativamente à vivência  
do tempo de ócio e à formação da identidade socioprofissional e pessoal de jovens estuda-  
ntes do ensino superior e num segundo momento, apresentaremos, analisaremos e discuti-  
remos os resultados obtidos numa investigação qualitativa e exploratória, realizada com duas  
turmas de licenciatura – Educação Social e Serviço Social - da Escola Superior de Educação e  
Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria.

**Viver o ócio em contexto de Ensino Superior**

Falar de ócio implica, obrigatoriamente, uma referência ao tempo. O estilo de vida mo-  
derno, pautado pela produção frenética, onde cada indivíduo vale por aquilo que gera, trans-  
formou o tempo em preciosidade e fez sobressair a conceção de tempo com valor, do tempo  
enquanto grandeza e detentor de um preço. Sabemos que a relação com o tempo é um ele-  
mento orquestrador da vivência individual contemporânea, lançando o indivíduo “num vór-  
tice de tarefas e obrigações que se sucedem infinitamente, excedendo o tempo próprio e



exaurindo a vida num nada repleto de pequenos nada, que deixam o indivíduo no deserto ou no desespero do ainda e nunca totalmente feito e concluído” (Baptista, 2013, p.2).

Esta complexa relação com o tempo revela-se crucial no jogo vivencial do indivíduo contemporâneo e determina o papel e o valor de cada sujeito nas nossas sociedades. Para além disso, tal como explica Manuel Cuenca, “não há dúvida de que o ócio dos nossos dias está bastante relacionado com a diversão e o descanso, enquadrado no horizonte próprio da sociedade do consumo” (2016, p. 36). Contudo, e tal como explica o mesmo autor, não podemos confundir ócio com lazer. Na verdade, o ócio relaciona-se com qualidade de vida, com participação social e desenvolvimento. Esta conceção de ócio que nos orienta centra-se no chamado ócio humanista e defende a dignidade dos indivíduos, focando a melhoria de cada sujeito e a melhoria das comunidades a que pertence.

Nesta linha, destacam-se três valores fundamentais: liberdade, satisfação e autotelismo, interrelacionados com identidade, superação e justiça. Esta perspetiva, reivindicada no Manifesto por um Ócio Valioso para o Desenvolvimento Humano, entende o tempo de ócio como um espaço de infinitas possibilidades de desenvolvimento pessoal e social do indivíduo contemporâneo.

Assim, e conforme se explica no referido Manifesto, a existência de um ócio humanista está atenta às oportunidades que oferece a sociedade e, como tal, o ócio valioso “não alude só à vida privada, mas também a circunstâncias políticas, económicas, sociais, culturais e educativas que o facilitam, impedem ou dificultam” (2013, p.1).

Neste sentido, a vivência do ócio está intimamente relacionada com a cidadania digna e a vivência saudável e construtiva, onde o grupo e a comunidade são importantes meios de realização. O ócio pessoal está integrado em contextos culturais e materializa-se em práticas culturais, sociais e comunitárias. O ócio valioso é amplamente compatível com a vivência comunitária, com o estar com o outro e em sociedade (Cuenca, 2012).

Nesta linha, falar de ócio implica ter especial atenção ao ambiente físico e social bem como, às experiências de cada indivíduo: “enquanto experiência satisfatória escolhida, o ócio está relacionado com o mundo das nossas emoções, com a maneira em que estão aflorando os desejos pessoais e sociais que antes não existiam” (Francileudo, 2013, p. 96). Na verdade, “o ócio promove saúde e bem-estar geral, oferecendo uma variedade de oportunidades que possibilitam aos indivíduos e grupos escolherem atividades e experiências que se adequem às suas próprias necessidades, interesses e preferências” (p. 97)

As relações entre o ócio valioso e o desenvolvimento humano são muitas e não pretendemos, neste espaço, enumerá-las todas. Gostaríamos, apenas de reiterar, tomando por base o texto de Maria Jesús Monteagudo e Ricardo Lema (2016), que o ócio tem um papel importante na construção da cidadania participativa, dinâmica e comprometida; destacando-se enquanto elemento crucial na construção crítica de trajetórias vitais, pessoais e coletivas, assim como dos espaços que habitamos e que nos habitam.

Quando se é estudante do ensino superior, um destes espaços consiste, sem dúvida, na própria instituição de ensino. Nestes contextos formais de ensino, o tempo pode ser repartido pelo tempo destinado à atividade escolar e por outras atividades, que os estudantes realizam de forma voluntária, dentro das instituições educativas, mas que não são académicas (Álvarez, 2016). Para além disso, existe também o tempo dedicado às atividades realizadas fora da instituição de ensino. Estas atividades e experiências, que podem ser



desenvolvidas pelos estudantes para além das atividades meramente académicas, podem consubstanciar-se num terreno fértil de desenvolvimento pessoal e social, onde a construção da própria identidade profissional se vê tocada.

216 |

Tal como já referimos acima, as instituições de ensino superior veem-se hoje a braços com desafios que são característicos da sociedade contemporânea. Se durante séculos se valorizou, sobretudo, a memorização e a capacidade de repetir “a matéria” estudada, estas instituições têm hoje como principal missão estimular e valorizar o pensamento crítico dos estudantes e proporcionar uma formação profissional sólida, assente numa formação pessoal e social robusta.

Para além disso, são compelidas, pelo mercado de trabalho, a formar profissionais com grande capacidade de flexibilidade e de adaptação a diferentes situações. O Processo de Bolonha veio vincar ainda mais esta questão, trazendo para a equação a importância do trabalho autónomo dos estudantes. Assim, para além da necessidade de uma aposta em estratégias de formação inovadoras, práticas, flexíveis e diversificadas, por parte da instituição de ensino, também o estudante é chamado a participar ativamente no seu processo de formação, no desenvolvimento de competências que vão para além do saber/conhecer e que se prendem com o saber-ser e o saber intervir. Assim, em pleno século XXI, a formação de profissionais faz-se nas instituições de ensino, mas, também, fora delas.

Neste sentido, e em linha com o exposto, demarcam-se as experiências de ócio enquanto tempo(s) construtivo(s) da identidade pessoal e profissional, quer decorram dentro da instituição de ensino, quer fora desta.

## O trabalho empírico

O estudo aqui apresentado é de carácter exploratório, realizado a partir do marco teórico dos estudos culturais. Enquadra-se no paradigma geral da investigação qualitativa, de contornos etnográficos, e apresenta os seguintes objetivos: Conhecer as representações dos estudantes relativamente às distintas vivências do tempo e às experiências de ócio, enquanto espaços de desenvolvimento pessoal e socioprofissional; Perceber se o ócio tem influência na construção da identidade profissional e pessoal dos estudantes do ensino superior; Perceber se as instituições de ensino superior podem ser locais de vivência do ócio.

Para dar resposta aos objetivos do estudo, foram utilizadas técnicas clássicas de análise documental, assim como a observação direta e os *focus group*, ou entrevista em grupo, a 90 estudantes a frequentar licenciatura na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria. Contudo, foram os *focus group* que constituíram o método principal de recolha de dados e de produção de informação.

O *focus group*, ou a entrevista em grupo, possibilitou o conhecimento de uma grande diversidade de opiniões e de vivências, numa pluralidade de discursos (Barbour, 2007). Foram realizadas oito entrevistas em grupo, envolvendo cada entrevista entre 10 a 12 sujeitos (estudantes), sendo dirigidas por um moderador, que teve um papel ativo na recolha dos dados (Silva, Veloso & Keating, 2014). Cada entrevista teve a duração, aproximada, de 90 minutos. A metodologia de análise utilizada foi a análise de conteúdo.



*Os sujeitos – caracterização sociodemográfica*

Participaram nas entrevistas em grupo um total de 96 estudantes do 1º Ciclo de estudos. Todos os estudantes se encontram no segundo ano, distribuindo-se, todavia, por duas licenciaturas distintas: 39 estão a frequentar a licenciatura de Educação Social e 57 a licenciatura de Serviço Social. Escolheram-se estudantes a frequentar o segundo ano, por se considerar importante os sujeitos estarem naquilo a que se pode chamar “a meio” da sua formação: com a vivência de um ano no ensino superior mas, faltando ainda, outro ano para se licenciarem.

A maior parte dos estudantes é do sexo feminino, 90 estudantes, sendo apenas 6 estudantes do sexo masculino. No que se refere à idade, todos os sujeitos têm idades compreendidas entre os 19 e os 22 anos. Quanto ao lugar de proveniência, alguns estudantes provêm de localidades distantes de Leiria, ficando, destarte, alojados na cidade, enquanto que outros vêm da periferia da cidade e da própria cidade. Com efeito, no que se refere ao lugar de proveniência, existe uma grande heterogeneidade, mas demarca-se o facto de todos habitarem, durante o período de aulas, na cidade ou próximo dela.

| 217

**Apresentação e discussão de resultados**

Partindo do cruzamento da literatura científica com os resultados do trabalho empírico, nomeadamente com a análise de conteúdo das entrevistas em grupo, iremos responder aos objetivos traçados, tendo como eixo estruturante as temáticas que emergiram, de forma transversal, nos discursos dos sujeitos, assim como, as respetivas categorias e subcategorias. O Quadro 1, apresentado abaixo, exhibe a grelha de análise temática.

Quadro 1. Grelha de análise temática

Cidade	Espaços particulares	Espaços públicos
Tempo	Percepções sobre o tempo	
	Vivência do(s) tempo(s)	Tempos sociais Atividades Contextos
Ócio	Representações do ócio	
	Vivência do ócio	Relação com a identidade socioprofissional Relação com a identidade pessoal
Instituição de ensino	Espaços de desenvolvimento do ócio	Atividades oferecidas pela instituição Atividades não proporcionadas pela instituição

Relativamente ao primeiro objetivo, os dados permitem conhecer as representações dos estudantes relativamente às distintas vivências do tempo e às experiências de ócio, enquanto espaços de desenvolvimento pessoal e socioprofissional. Assim, num primeiro momento, os dados revelam duas posições distintas no que respeita às relações que os sujeitos detêm com o seu tempo. Enquanto que uns estudantes perspetivam o tempo de uma forma positiva, destacando-se, pelo número de vezes que foram apontados, os adjetivos “praze-



roso”, “valioso”, “enriquecedor”, “produtivo”, “interessante”, “útil” para caracterizar o seu tempo, um outro grupo de estudantes percebe o seu tempo de uma forma tendencialmente mais negativa, destacando-se as palavras: “aborrecido”, “desgastante”, “cansativo”, “perdido”.

218 |

Num segundo momento, e quando analisamos os discursos dos sujeitos relativamente à forma de vivência do tempo, percebemos que os estudantes começam por distinguir os diversos tempos sociais, estando em lugar dianteiro o tempo dedicado às aulas e à realização de trabalhos. Para além do tempo dedicado à escola e às tarefas inerentes a esta, num segundo lugar, os estudantes referem os tempos dedicados à família e aos amigos. Por fim, e em terceiro lugar, foi referido o tempo dedicado ao emprego, uma vez que muitos dos sujeitos são trabalhadores-estudantes.

No que se refere às atividades realizadas durante os diferentes tempos sociais, os estudantes destacam as aulas, o trabalho que têm de realizar nos seus empregos, as atividades familiares – convívio sobretudo com a família mais direta e realização de tarefas familiares –, as saídas com os amigos – tanto da escola como de fora da escola – e a participação em atividades sociais e comunitárias nos locais onde residem – catequese, escutismo, voluntariado, organização de festas comunitárias.

Quando questionados acerca das suas perceções relativamente ao ócio e às experiências de ócio, a análise dos discursos dos sujeitos permite perceber que, a grande maioria das atividades apontadas para além das aulas são nitidamente perspectivadas enquanto experiências de ócio, uma vez que são encaradas numa perspetiva de desenvolvimento humano.

Embora um elevado número de estudantes tenha reconhecido a escola, designadamente as aulas e a realização de trabalhos académicos, como tempo essencial de construção da identidade pessoal, social e profissional, a verdade é que foi nas atividades realizadas paralelamente que os estudantes reconheceram a vivência de experiências de ócio “verdadeiramente gratificantes, prazerosas e construtoras do meu ser” (estudante 40). Segundo os dados, os estudantes reconhecem nestas atividades, realizadas num tempo próprio e subjetivo, uma experiência transformadora.

Os dados revelam que as atividades de sociabilização – quer seja com os colegas, amigos ou familiares –, são entendidas pelos estudantes como cruciais para o desenvolvimento do seu projeto pessoal, por onde passa a construção da identidade profissional.

Com efeito, os discursos dos nossos sujeitos revelam que, se por um lado, a família é o contexto que lembra aos estudantes “quem somos e para onde queremos ir, que nos motiva e incita a nos desenvolvermos sempre mais” (estudante 63), por outro lado, “os colegas de Escola estão connosco esta viagem única e são importantíssimos na construção daquilo que seremos enquanto profissionais, porque é com eles que discutimos aspetos da profissão, que partilhamos ideias relativamente aos conhecimentos que adquirimos, às práticas que poderemos desenvolver no futuro, à maneira de agir profissionalmente, etc” (estudante 20).

Assim, e no que se refere ao segundo objetivo deste estudo - perceber se o ócio tem influência na construção da identidade profissional e pessoal dos estudantes do ensino superior – na linha da argumentação apresentada no ponto anterior, conseguimos perceber que os estudantes atribuem bastante importância ao ócio e às atividades de ócio na construção da sua identidade pessoal e socioprofissional.



Esta fase da vida é uma fase de transição, onde se vive em função de um futuro que é visualizado no presente, e é a partir do presente que é construído (Oliva-Augusto, 2002). Se a sociedade contemporânea é caracterizada por viver uma perspectiva temporal centrada no futuro, este aspeto é ainda mais marcante nos indivíduos que estão na situação dos nossos sujeitos.

De acordo com os resultados obtidos, os estudantes reconhecem nas atividades potenciadoras de experiências de ócio, e que são desenvolvidas paralelamente às atividades escolares, momentos profícuos de desenvolvimento de competências. Se, por um lado, reconhecem que a construção da identidade pessoal, social e profissional, passa pela Escola e pela frequência do curso, por outro lado, também reconhecem que muitas outras competências como a criatividade, a capacidade de planeamento e de improviso, o relacionamento com outras pessoas, o trabalho em equipa, o pensamento crítico se desenvolvem, preferencialmente, no tempo de ócio, que é perspetivado enquanto tempo de construção.

Conforme nos revelam os dados, a vivência do ócio é representada pelos sujeitos em íntima relação com a cidadania digna e a vivência saudável e construtiva, onde o grupo e a comunidade são importantes meios de realização. Apesar de o ócio ser uma experiência privada e subjetiva, ligada à emotividade, os estudantes admitem que este não lhes faz sentido separado da trajetória social onde estão inseridos. Este aspeto parece encontrar eco na literatura, quando Manuel Cuenca (2012) defende que o ócio valioso e pessoal é amplamente compatível com a praxis comunitária, com o estar com o outro, em grupo, enfim, em sociedade. Assim, o ócio é apontado pelos sujeitos como contexto facilitador de desenvolvimento pessoal e, até, de transição para o mundo socioprofissional “faço voluntariado e dá-me um enorme prazer! Mas, atenção, eu também sinto que aprendo, e muito! Aprendo a ter uma postura mais profissional, a relacionar-me com outros técnicos e com utentes, e até mesmo, a descobrir as minhas capacidades e competências! É uma atividade que me preenche muito” (estudante 70).

Os dados indicam que os estudantes atribuem uma grande importância às experiências de ócio, associando o ócio ao seu desenvolvimento integral e à construção da própria identidade profissional: “que tipo de assistente social é uma pessoa que não faz mais nada para além de decorar livros? Que não se consegue relacionar com os outros e que não desenvolve as competências sociais mínimas?” (estudante 10).

No que se refere ao terceiro objetivo - Perceber se as instituições de ensino superior podem ser locais de vivência do ócio – a maioria dos sujeitos considera que sim. Quer pelas atividades concebidas e oferecidas pela instituição, nomeadamente, oficinas de artes, roteiros culturais pela cidade, participação em espetáculos; quer pelas atividades que não são concebidas pela instituição mas que, sendo iniciativa de outros, decorrem nesta, como por exemplo, as atividades organizadas pela Associação de Estudantes, pelos Núcleos de Estudantes, pelos Clubes (teatro, música, dança), pelas Tunas, entre outros. Percebemos, pelos resultados apurados, que a Escola é um espaço privilegiado de vivência do ócio e de potencialização deste como experiência integral.

Gostaríamos ainda de referir que os estudantes que manifestaram visões mais negativas relativamente ao ócio, também demonstraram um discurso mais marcado pelo desencantamento e pelo desalento relativamente ao futuro, assente numa perspectiva de falência do presente. Percebeu-se que, para estes estudantes, o importante é a certificação para a pro-



fissão e não o modo como se vão realizar pessoal e socioprofissionalmente. Por fim, consideramos pertinente referir também que, nenhum estudante focou a questão monetária (ter dinheiro ou a falta dele) como justificação para realizar, ou não, atividades de ócio.

## Conclusões

220 |

À luz dos resultados encontrados, podemos afirmar que as atividades de ócio são perspetivadas, pelos sujeitos participantes, enquanto experiências de desenvolvimento pessoal e socioprofissional. Para os estudantes, se por um lado, o ócio é expressão da identidade (muito associado às trajetórias pessoais e sociais), por outro, é reconhecido enquanto espaço privilegiado de construção das várias identidades, designadamente, a profissional. Embora os dados nos revelem diferentes usos do tempo, associado a diferentes atribuições de significado, a verdade é que sobressai a ideia do ócio enquanto prática de resistência nos processos de educação e formação de profissionais no ensino superior, onde a própria instituição detém um papel importante, apesar de sobressair a ideia de que o sistema educativo não valoriza a vivência do ócio.

## Referências Bibliográficas

- Álvarez, R. (2016). Las instituciones de educación formal de Montevideo como espacios de recreación para la construcción de autonomía. In R. Lema & M.J. Monteagudo (Eds.), *Espacios de ócio y recreación para la construcción de ciudadanía* (pp. 115-138). Bilbao: Universidad de Deusto.
- Barbour, R. (2007). *Doing Focus Group*, London: Sage Publications.
- Baptista, M. (2013). Ócio, Temporalidade e Existência – uma leitura à luz da fenomenologia e hermenêutica heideggerianas. In *Atas do III Congresso Internacional em Estudos Culturais – Ócio, Lazer e Tempo Livre nas Culturas Contemporâneas* (pp. 1-10). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Baptista, M. & Sousa, J. (2013). El ócio desde el punto de vista del desarrollo humano en personas mayores. Un estudio exploratorio en Portugal. In M. Cuenca (Ed.), *Ocio y recreación para el desarrollo humano* (pp. 107-139). México DF: Universidad YMCA
- Cuenca, M. (2012). Pautas de melhoria e desenvolvimento do ócio comunitário. In C. Cebolo, J. Pereira & M. Lopes (Coord.). *Animação sociocultural – Intervenção e Educação Comunitária: Democracia, Cidadania e Participação* (pp. 319-332). Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Cuenca, M. (2016). Ocio y recreación para el empoderamiento de la ciudadanía. In R. Lema & M.J. Monteagudo (Eds.), *Espacios de ócio y recreación para la construcción de ciudadanía* (pp. 25-41). Bilbao: Universidad de Deusto.
- DGES. (2018). Portal da Direção-Geral do Ensino Superior. Acedido em <http://www.dges.gov.pt>
- Francileudo, F. (2013). A perspetiva humana do ócio: revisitando a proposta do Instituto de Deusto. In J. Martins & Baptista, M. (Eds.), *O Ócio nas culturas contemporâneas – teorias e novas perspetivas de investigação* (pp. 91-109). Coimbra: Grácio Editor.
- Instituto de Estudios de Ocio. (2013). *Manifiesto por un Ocio Valioso para el Desarrollo Humano*. Bilbao: Universidad de Deusto.
- Monteagudo, M. J. & Lema, R. (2016). Iberoamérica en clave de ócio y recreación. *Espacios para la construcción ciudadana* In R. Lema & M.J. Monteagudo (Eds.), *Espacios de ócio y recreación*



para la construcción de ciudadanía (pp.9-13824). Bilbao: Universidad de Deusto.

Oliva-Augusto, M. (2002). Tempo, Indivíduo e Vida Social. [Versão eletrónica]. *Ciência e Cultura*, 54(2), 30-33. Acedido em 10-05-2018, em [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_art-text&pid=S0009-67252002000200025](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_art-text&pid=S0009-67252002000200025)

Silva, I., Veloso, A. & Keating, J. (2014). Focus group: Considerações teóricas e metodológicas [Versão eletrónica]. *Revista Lusófona de Educação*, 26, 175-190. Acedido em 16-05-2018, em <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/4703>

